

Iniciativa Imagine Brasil

Síntese do Diálogo com Esportistas

A iniciativa **Imagine Brasil** tem como objetivo mobilizar lideranças de diferentes segmentos da sociedade, visando contribuir para o Brasil encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Esta etapa do projeto prevê a realização de reflexões e diálogos com representantes destes setores.

Após o evento de lançamento do projeto, ocorrido em agosto, já foram realizados cinco Diálogos – envolvendo discussões sobre Educação, Defesa e Segurança Pública, Meio Ambiente, Lideranças Sociais e Lideranças Empresariais.

Este é, portanto, o sexto encontro da série *Aspiração para o Brasil*, realizado em 2 de dezembro e que contou com a participação de um grupo de dez lideranças esportivas, composto por: Daniela Castro, Daniel Dias, Fabiana Bentes, Flávio Canto, Isabel Marques Swan, José Roberto Guimaraes, Lars Grael, Luísa Parente, Mauro Silva e Ricardo Gomes (minibios em anexo).

Os participantes foram convidados a refletir sobre o Brasil e a compartilhar suas visões sobre o contexto histórico de suas áreas e seus anseios e sonhos para o país até 2030. O objetivo dos Diálogos é ampliar a escuta dos brasileiros e buscar possíveis convergências para fazermos a ponte entre aspiração e performance, que é onde o sonho se transforma em realidade.

Em destaque

- O poder público tem recursos suficientes para investir no esporte e o país conta com muitos talentos na área, mas faltam políticas públicas sérias e comprometidas com o desenvolvimento social.
- Há um expressivo vácuo entre os interesses políticos que permeiam a área e as verdadeiras necessidades da população.
- É preciso investir na criação e manutenção de novos centros de treinamento e ampliar os recursos alocados nos existentes.
- Estamos perdendo para o exterior cientistas e especialistas, como ocorre com jogadores de futebol que partem por falta de reconhecimento.
- Precisamos aproveitar as experiências dos atletas que já atuam no terceiro setor e mantêm iniciativas esportivas e sociais relevantes, como as do Projeto Grael Instituto Rumo Náutico e do Instituto Reação, que visam construir uma sociedade menos desigual.
- O país precisa criar planos de investimentos nos esportes com garantias de continuidade.

- Assim como criar uma cultura esportiva comprometida com a transparência e com o desenvolvimento social.
- Precisamos fazer um pacto pelo esporte, com impacto em áreas essenciais como segurança e saúde pública.
- O setor privado deve fazer um *mea culpa* e ampliar o comprometimento direto com essas causas.
- O esporte deveria ser visto como uma extensão da educação. Para isso, os governos federal, estaduais e municipais precisam estar engajados em um plano nacional para o setor.
- Sonhamos com um esporte mais inclusivo, especialmente em uma sociedade tão desigual e carente de direitos essenciais.
- E a existência de uma escola com bom acesso aos esportes poderia ser vista como uma maneira de compensar os desequilíbrios sociais.
- As experiências do movimento paraolímpico devem ser vistas como alavancas de inclusão social e de transformação da realidade do país.
- É fundamental promover a participação dos atletas e das lideranças esportivas nos processos de decisão das entidades esportivas.
- As empresas, muitas vezes, se colocam como antirracistas e falam sobre a necessidade de contratar pessoas negras ou com deficiência, mas a mudança não acontece de dentro para fora.
- O esporte precisa ser incluído no debate das grandes questões nacionais – e não ser tratado de forma periférica.
- Iniciativas como esta, da FDC, são essenciais para que possamos ter esperança de engajar os valores do esporte nos debates mais relevantes para a sociedade.

Contexto e Aspirações

- Acreditamos que as perspectivas de melhoria do esporte no Brasil precisam incluir pelo menos três segmentos ou atores: o setor público, o terceiro setor e a sociedade como um todo.
- O poder público tem recursos suficientes para investir no setor, e o país conta com muitos talentos na área, mas faltam políticas públicas sérias e comprometidas com o desenvolvimento social e com a transparência nos

gastos. Há um expressivo vácuo entre os interesses políticos que permeiam a área e as verdadeiras necessidades da população.

- O governo federal carece de pessoas capacitadas e verdadeiramente comprometidas com as demandas do segmento, como, por exemplo, a criação, condução e manutenção de novos centros de treinamento. Os investimentos e a infraestrutura existente nos atuais centros são igualmente precários e insuficientes.
- Temos de atuar no sentido de reduzir ou acabar com este vácuo. Para isso, é preciso usar os recursos existentes e investir na infraestrutura que ainda não temos. Essa falta de competência das autoridades públicas para a implantação de sistemas de desenvolvimento social e esportivo compromete áreas essenciais, como a de pesquisa e inovação. Temos muitos cientistas e especialistas bem capacitados, mas que vamos perdendo para o exterior. Assim como ocorre com jogadores de futebol, que partem para outros países por falta de oportunidades e reconhecimento interno.
- Em relação ao terceiro setor, há uma clara necessidade de investimento e desenvolvimento em bons projetos, assim como maior valorização de boas iniciativas já existentes.
- Precisamos aproveitar as experiências dos atletas que já atuam no terceiro setor, como no caso de Lars Grael, atleta olímpico, velejador e gestor esportivo do Projeto Grael Instituto Rumo Náutico. Além de diversas outras experiências e ações realizadas por lideranças esportivas presentes neste encontro, como as do Instituto Reação, que vêm contribuindo para tentarmos construir uma sociedade menos desigual e menos polarizada.
- O país precisa criar planos de investimentos nos esportes com garantias de continuidade para que não fiquemos sempre dependendo do governante eventualmente no poder. Temos um grande caminho pela frente no sentido de conseguirmos gerar os recursos necessários para o desenvolvimento dos nossos potenciais olímpicos e paraolímpicos.
- Tudo isso depende de uma mudança mais ampla do *mindset* do setor de esportes, visando envolver a coletividade na efetivação dos planos de ação da área.
- Não temos dúvidas também de que o país precisa desenvolver uma cultura esportiva e de valorização da prática de esportes, o que teria impacto em vários aspectos da vida das pessoas. E criar formas de incentivar a implantação dessa nova cultura, com transparência e em

conformidade com o poder público. Falta um maior compromisso oficial com o desenvolvimento social do país e maior empatia com os anseios da sociedade.

- Uma das nossas aspirações é conseguir fazer um pacto pelo esporte no país, que teria como desafio implementar uma ampla avaliação das perspectivas do segmento. Essas ações teriam repercussões e impactos em várias áreas, como na segurança pública, na saúde pública e na economia como um todo, no que se refere à geração de renda e a novas oportunidades, como ocorre nos EUA, por exemplo.
- Ao setor privado, por sua vez, falta um *mea culpa* e um comprometimento mais direto com essas causas. O investimento em programas de voluntariado nas empresas e demais instituições poderia ser uma maneira eficaz de engajar e mobilizar a população brasileira, visando à maior conexão dessas organizações com a sociedade.
- Outra relevante aspiração: fazer com que o esporte seja visto também como uma extensão da educação e que as ações do segmento consigam tornar as pessoas mais disciplinadas para as diversas práticas de suas vidas. Para isso, precisamos conceber a vitória e a derrota, seja individual ou em grupo, como partes da formação do cidadão, sempre numa perspectiva educacional.
- É fundamental pensarmos, portanto, como muitos disseram aqui, no esporte como forma de agregar valor a setores essenciais à população, como a educação e a saúde. Podemos concebê-lo, por exemplo, como parte de um programa nacional de saúde preventiva ou como meio de prevenção à violência, assim como forma de fortalecer a economia por meio da promoção de eventos e do turismo.
- Outra de nossas grandes aspirações está relacionada ao esporte educacional e à garantia de que as escolas tenham a infraestrutura necessária para realizar as atividades esportivas pertinentes a cada realidade. Para isso, o poder público, por meio dos governos federal, estaduais e municipais, precisa estar engajado em um plano nacional para o esporte.
- Se nós tivéssemos boas escolas, com a garantia de acesso a todas as crianças no início do ciclo de ensino, não seria preciso ter, lá na frente, esse sistema de cotas para acesso à universidade. Ele é fruto da nossa incapacidade de nivelamento e de inclusão. Temos de resolver o problema lá no começo, quando as crianças mais carentes entram para a escola pública.

- Para isso, precisamos garantir a participação de todos – sejam pessoas físicas ou jurídicas – para que possamos implementar todas as ações que estiverem a nosso alcance para atingirmos nossos objetivos e fazermos as nossas seleções brilharem!
- Sonhamos com um esporte mais inclusivo no nosso país. Afinal, em uma sociedade tão desigual e carente de direitos essenciais, como o acesso ao saneamento e à saúde básica, a existência de uma escola com bom acesso aos esportes poderia ser vista como uma maneira de compensar os desequilíbrios sociais. Dessa forma, o esporte poderia ser uma grande ferramenta de transformação e de criação de mais equidade, mais oportunidades e investimentos em jovens talentos.
- As experiências e as práticas do movimento paraolímpico devem ser vistas como alavancas de inclusão social e podem também servir como referência para outras áreas, com forte capacidade de transformação da realidade do país.
- Paralelamente, temos de repensar o papel do esporte de forma mais ampla – deixando de visar apenas ao alto rendimento e à obtenção de títulos, troféus e medalhas.
- Temos também de valorizar as estratégias vocacionais de cada região do país como forma de estimular os jovens a descobrirem suas vocações esportivas de acordo com a realidade local. Nesse contexto, cada cidadão precisaria fazer o que está a seu alcance, visando transformar discursos em ações. Para isso, é fundamental termos políticas públicas que atendam de fato às necessidades dos indivíduos.
- Além das diferenças regionais, devemos estar atentos às questões de gênero e às diferenças de oportunidades. As meninas, por exemplo, antes mesmo de poderem focar em resultados, precisam fazer muito mais esforço do que os meninos para serem incluídas no universo do esporte. E isso perdura por toda a carreira. Temos de buscar uma inclusão mais efetiva das mulheres em todas as modalidades de esporte.
- Acreditamos que o Brasil precisa, na perspectiva de um eixo macro, entender que as aspirações nacionais passam por questões essenciais como a erradicação da fome, o acesso universal à educação e a redução das desigualdades econômicas do país. Nesse sentido, os investimentos no esporte devem ser vistos como parte dessa aspiração mais ampla da nossa sociedade de transformar os sonhos em realidade.
- Na condição de lideranças, não podemos temer eventuais críticas de alguns segmentos. Ao mesmo tempo, precisamos nos engajar para que

o esporte possa fazer parte, ao lado de outros campos de atividade, das ações de transformação social.

- Acreditamos que podemos, sem dúvida, praticar essas ações de lideranças esportivas para buscarmos este maior engajamento das pessoas nos processos de mudança da sociedade.
- Ainda sobre a questão das lideranças no país, temos de levar em conta o fato de 2022 ser um ano de eleições, quando a temperatura dos debates – e das desavenças – deve crescer muito. Mas temos de manter a esperança de que elas podem contribuir com ações que visem melhorar o Brasil e reduzir o cenário de polarizações de ideias que temos enfrentado.
- Em relação à gestão das entidades do setor, é preciso criar formas de garantir a participação dos atletas e das lideranças esportivas nos processos de decisões, nas definições de mandatos dos dirigentes e na implantação de modelos eficazes de governança. No geral, precisamos também buscar formas de promover movimentos de melhoria na administração do esporte brasileiro.
- Diante de todos esses desafios, precisamos tentar mudar a realidade do nosso país, na qual 1% da população detém 50% da riqueza nacional. Para isso, temos de trabalhar para ter maior equidade de gênero e de raça nas empresas, nos conselhos de administração e nos cargos de liderança, por exemplo.
- Temos consciência de que não há como fazer tudo de uma só vez, mas podemos começar as mudanças por meio das pessoas e das empresas, com ações afirmativas e reconhecendo que somos uma sociedade extremamente desigual. O esporte pode ter um papel muito relevante nesse processo de mudança dessa realidade.
- Podemos seguir os exemplos que vêm dos países nórdicos, como Suécia, Noruega e Dinamarca, nos quais a desigualdade social não é tão grande. E trabalhar para mudar esse triste cenário nacional marcado por tantas disparidades.
- Isso fica ainda mais evidente quando comparamos a estrutura do Brasil com a estrutura e os recursos disponíveis no exterior, como nas universidades norte-americanas e de outros países de primeiro mundo, como a França, onde há muitos investimentos em pesquisa e inovação no segmento esportivo.

- Para isso, devemos ter como aspiração, por exemplo, atuar de forma organizada e coletiva, partindo de iniciativas como essa da FDC para, de fato, mobilizar a sociedade. E reforçamos então o papel das lideranças e dos ídolos aqui presentes e que já têm forte atuação nesse sentido.
- Temos de reforçar o papel do esporte como um fator de inclusão social e de combate também às desigualdades raciais. Afinal, somos um país de 108 milhões de negros e pardos, que compõem cerca de 5% das lideranças empresariais e um percentual ainda menor das governamentais.
- Enquanto atletas ou ex-atletas, temos de assumir nosso protagonismo contra os preconceitos. Fomos vitoriosos no esporte, abrimos muitas portas e precisamos continuar a abri-las.
- São preconceitos não só raciais, mas também presentes no contexto das deficiências. Assim como precisamos ter negros em cargos de diretores e presidentes de empresas, é preciso nos posicionarmos para termos, igualmente, pessoas com deficiência em funções de liderança em toda a sociedade. Afinal, queremos um mundo acessível e com direitos assegurados para todos – incluindo nossos filhos e netos.
- As empresas muitas vezes se colocam como antirracistas e falam sobre a necessidade de contratar pessoas negras ou com deficiência, mas, muitas vezes, a mudança não acontece de dentro para fora por falta de políticas internas efetivas nesse sentido.
- Somos um país continental, mas é fundamental que cada um faça a sua parte, pois há muito o que fazer. E podemos acreditar que somos um país do futuro e estamos unidos nessa iniciativa com a determinação comum de mudarmos o presente.
- Precisamos, enfim, ter como aspiração para 2030 o desejo de construir uma sociedade com mais igualdade de oportunidades. Sem isso, teremos grandes dificuldades de melhorar a qualidade de vida do nosso povo ao longo deste período. E vale lembrar que, sem educação, sem pesquisa e sem inovação, como foi dito aqui, a chance de pensarmos um país diferente será igual a zero.
- O esporte precisa, portanto, ser incluído no debate das grandes questões nacionais – e não ser tratado de forma periférica. Sem dúvida, iniciativas como esta, da FDC, são essenciais para que possamos ter esperança de engajar os valores do esporte nos debates mais relevantes para a sociedade.

